

## MULHERES PSICANALISTAS: PROVOCAÇÕES SOBRE O FEMININO QUE MUDARAM A PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE

Lília Simões<sup>1</sup>

**Resumo:** No final da década de 1920 até meados de 1930 a questão do feminino e do complexo de Édipo da menina foi exaustivamente discutida em congressos dos institutos de psicanálise. Vários trabalhos passaram a trazer outra perspectiva sobre a mulher, a maternidade e o feminino, como *O medo da mulher* (1926) de Karen Horney, *Estágios iniciais do conflito edípico* (1928) de Melanie Klein, *Psicologia da mulher* (1932) de Helen Deutsch. Essa série de contribuições levaram Freud a escrever os artigos *sexualidade feminina* (1930) e *feminilidade* (1932), reconhecendo algumas mudanças e admitindo que o tema ainda continuava um tanto obscuro para ele. A proposta desse trabalho é abordar a questão do feminino a partir da teoria psicanalítica, principalmente de autoras mulheres, que por muito tempo viveram as margens da história dessa ciência, apesar de terem contribuído para formar outra perspectiva da mulher que não fosse a partir da visão patriarcal/falocêntrica como propunha Freud. Finalmente, a intenção é discutir o que a psicanálise traz de atual hoje a partir de questionamentos da psicanalista e feminista Julia Kristeva e Márcia Arán.

**Palavras-chave:** psicanálise, mulher, feminilidade

Uma das coisas mais fascinantes de estudar um autor ou autora de um tempo diferente do nosso é assumir a postura investigativa, um tipo historiador e antropólogo. É preciso conhecer as nuances da época, as ideologias, as políticas, valores e sua produção cultural porque não dá para separar nosso pensamento do nosso tempo. Por isso o argumento que recai sobre a teoria psicanalítica ter sido fundada a partir de perspectiva patriarcal é indiscutível, porém os seus fundamentos e seus desdobramentos vão muito além dessa visão simplista ou reducionista da psicanálise e, felizmente, para muitas pessoas que pensaram a psicanálise esse não foi um motivo para deslegitimar seus conceitos.

Freud herda do pensamento iluminista as concepções das diferenças entre homens e mulheres que pressupõe a existência de essências conectadas a natureza dos corpos. O que já era um pouco diferente do discurso religioso a que vinham sendo, durante séculos, submetido as mulheres e menos negativo que boa parte do discurso psiquiátrico da época. Neste sentido ele atribui a mulher o lado da bondade, da beleza, do afeto e da passividade, qualidades que predispõem ao ideal de maternidade, esse perfil tem uma grande influência nos seus primeiros trabalhos. Nesse período a postura tradicional sobre as diferenças entre os sexos tinham o aval de fundamentações científicas que caracterizavam as posturas “femininas” e “masculinas” a partir da biologia, portanto, ter todas essas qualidades femininas apontadas por Freud era algo tido como natural e foi por muito tempo o suporte do estereótipo da mulher.

---

<sup>1</sup> Doutoranda pela Universidade Católica de Pernambuco, Recife. Brasil

Mas para Freud, se essa diferença existe, parte do princípio de uma única libido essencialmente masculina que vai definir as sexualidades. Esse monismo sexual, ou seja, a ideia de que toda sexualidade é universal e de natureza fálica se resolveria pela anatomia e pela travessia do complexo de Édipo, onde a mulher se reconhece como castrada. A tese do monismo seria contestada nos diversos debates dos anos vinte quando passaram a pesquisar mais e a discutir mais profundamente a sexualidade feminina. A controversa, durante algum tempo, dividiu a psicanálise em duas escolas, a inglesa que defendia o dualismo sexual e a vienense que seguia alinhada com Freud.

Na época uma das críticas sobre a submissão da sexualidade feminina a uma lógica falocêntrica e reafirmada por Márcia Arán (2006), era a de que uma teoria construída pela perspectiva masculina só pode resultar em ver na mulher o que ela não tem. Portanto, sugere que a teoria das diferenças sexuais em Freud refere-se apenas a uma sexo, o masculino. Apesar da questão do patriarcado atravessar a história da psicanálise as críticas são menos em torno desse sistema de autoridade e muito mais um debate estrutural em torno do complexo de Édipo e da lógica fálica.

É interessante perceber que já nos anos 20 as teorias de Freud sobre o feminino vinham sendo contestadas, mas parece haver ainda quem ignore as críticas e mudanças realizadas nas teorias e o que tenha ficado essencialmente é essa concepção sectária da psicanálise. Melanie Klein ficou conhecida como a principal opositora da tese de libido única de essência fálica. As contestações se davam principalmente por psicanalistas mulheres que, no momento, passavam a pertencer ao movimento psicanalítico fazendo partes das reuniões na casa de Freud e se estabelecendo como membros das associações psicanalíticas da época. No entanto, parece ter havido uma quebra de continuidade, exceto por Melanie Klein ou Anna Freud, outras foram relegadas a papéis de breves coadjuvantes e somente algum tempo depois reencontradas em seu pioneirismo e importância de suas obras por uma nova historiografia do movimento psicanalítico.

Mulheres psicanalistas passaram a pertencer ao movimento psicanalítico já instituído, a partir dos anos 10 do século xx. Não apenas tiveram sua importância reconhecida como assumiram papel protagonistas na sua história. São elas Melanie Klein, Anna Freud, Karen Horney, Helen Deutsch, Joan Rivière, Jeanne Lampl-de Groot e Ruth Mackbrunsvik. Em 1911 Margarethe Hilferding inicia sua palestra sobre as bases do amor materno. De acordo com a pesquisa historiográfica de Cromberg (2011) ela questiona a ideia firmemente arraigada na cultura ocidental

patriarcal de um amor materno natural. Do ponto de vista da psicanálise, diz ela, é a interação física entre a mãe e o bebê que suscita o amor materno.

Nascia aí um embate vindo de outra perspectiva que viria ajudar a revisitar certos paradigmas da psicanálise clássica, importante para entender as transformações, principalmente nos conceitos freudianos do Édipo e do feminino, que foram parte das mudanças na forma de se pensar a mulher através de si mesmas e não mais pelo olhar do outro que não vivenciava nem o corpo nem um cotidiano da mulher.

Em meados da década de 20 e de 1930 os debates sobre o feminino em psicanálise se tornaram frequentes. O momento em que Klein, Helen Deutsch e Karen Horney começam a publicar suas teorias sobre feminilidade, apresentar trabalhos contestando o modelo tradicional edípico, questionar temas como a sexualidade da mulher e a maternidade. O contexto era de agitação nos círculos psicanalíticos, outros autores também vinham criticando a teoria freudiana e viam urgência em rever sua teoria da triangulação edípica aos moldes da burguesa patriarcal. Não obstante abordaremos esse interessante debate que foi um divisor de águas na teoria psicanalítica, principalmente no que diz respeito ao “continente obscuro” do qual falava Freud.

Nessa época a questão do feminino e do complexo de Édipo da menina foi exaustivamente discutida em congressos dos institutos de psicanálise. Em 1927 em um encontro da IPA Ernest Jones apresentou o trabalho *A fase precoce da feminilidade* e daí em diante vários outros trabalhos que traziam outra perspectiva sobre a mulher, a maternidade e o feminino, como *O medo da mulher* (1926) de Karen Horney, *Estágios iniciais do conflito edípico* (1928) de Melanie Klein, *Psicologia da mulher* (1943) de Helen Deutsch. Essa série de contribuições levaram Freud a escrever os artigos *sexualidade feminina* (1930) e *feminilidade* (1933), reconhecendo algumas mudanças e admitindo que o tema ainda continuava um tanto obscuro para ele.

As críticas dessas autoras sobre o lugar que tinha o feminino na psicanálise foram fundamentais para a teoria seguir além de Freud sobre as questões edípicas, sobre passividade feminina, o masoquismo intrínseco a mulher, entre outras abordagens que terminavam por determinar esses e outros atributos sociais. Esse contraponto proporcionou um relevante debate sobre sexualidade feminina e sobre ser mulher abrindo outras análises sobre a perspectiva patriarcal das teorias vigentes, propondo um caminho distinto para pensar a maternidade e a feminilidade além da via edípica falocêntrica.

Nesse contexto Karen Horney, psicanalista do instituto berlinense foi uma das pioneiras a contestar a tese de Freud, deixando de lado a teoria clássica e orientando-se pela perspectiva culturalista, procurando fundamentar a psicologia da mulher sob uma ótica singular rompendo com a tese da universalidade da cultura humana que, para ela, é tratada como um evento intimamente relacionado à instituição familiar patriarcal.

Horney entra para faculdade de medicina 1906, quando na Alemanha algumas faculdades ainda tinham restrições a mulheres. Em 1909 começa a residência em psiquiatria e passa a se interessar pelas teorias de Freud, teve seu primeiro contato com a psicanálise em Berlim através de Karl Abram com quem entrou em análise. O relacionamento dos dois estremece quando Abram interpreta a depressão de sua paciente ligada ao desprezo pelo pai que, de acordo com ele, seria uma inveja recalcada. Abram aplica a teoria da inveja do pênis ao “caso horney” e desenvolve a tese, no congresso de 1920 em Haia, que muitas mulheres desejam inconscientemente ser homens.

Nesse ponto ela já vinha elaborando fortes críticas a teoria freudiana e, na verdade, foi pioneira em confrontar suas teses (Roudinesco & Plon, 1997, pág 355 ). No congresso de 1922 da IPA em Berlin responde também com críticas ao seu antigo analista e sem sombra de dúvidas teve papel importante na reformulação do pensamento freudiano com relação ao feminino.

Seu interesse inicial pela psicologia feminina foi também incentivado por suas observações clínicas que pareciam contradizer o esquema freudiano, mas sua obra toma um viés culturalista devido ao seu grande interesse pela filosofia social e pela antropologia. Assim em 1926 no texto “*A fuga da feminilidade*” ela critica a pretensa parcialidade da teoria psicanalítica sob o argumento de que a psicanálise é criação do gênio masculino e a grande maioria de suas ideias foram desenvolvidas por homens, considerava justo que eles elaborassem melhor a psicologia masculina que feminina.

Ela estava segura de que algumas mulheres se sentem inferiores aos homens isso se deve a fatores sociais, pois nossa cultura é fundada em uma política, religião e ideologias masculinas:

Outro fator, bastante importante na situação é que mulheres adaptam-se aos desejos dos homens e sentem como se isso fosse sua verdadeira natureza, isto é, elas se vêm ou se viam conforme a exigência dos desejos de seus homens, inconscientemente, rederam-se à sugestão do pensamento masculino. Se estamos convencidas da extensão em que todo nosso ser, pensar e fazer se amoldam a

estes padrões masculinos, veremos como é difícil para o homem, como indivíduo, assim como para a mulher, como indivíduo, livrar-se deste modo de pensar (HORNEY, 1926. Pág 53)

Suas teorias, neste momento, não causam tanto impacto, o culturalismo é muito mais forte nos Estados Unidos do que na Europa, mesmo Freud ainda demoraria cinco anos para levar em conta essa perspectiva da psicanálise sobre o feminino. Porém no mesmo texto ela aborda assuntos que viriam a ser fortemente discutidos pela escola inglesa de psicanálise que teve na figura de Klein sua principal protagonista.

Ainda no mesmo texto Horney defende sua tese de que a lógica falocêntrica tem conexão com a cultura onde ela foi produzida, uma teoria feita e orientada para o homem que não levou em conta, por exemplo, a capacidade invejável da maternidade, no sentido de uma capacidade criativa do corpo feminino, o que vai ser considerado por Klein alguns anos depois quando fala da inveja da menina em relação ao corpo da mãe.

Fala também da maternidade como status social sob constantes avaliações quando em 1933 apresenta o artigo *Conflitos maternos* em um encontro de psiquiatria nos Estados Unidos. Com base em suas experiências na clínica fala de como a questão da maternidade é conflituosa para a mulher, de como a relação com os pais interfere na criação dos filhos. Finalmente do conflito e rivalidade entre mãe e filha quando a própria condição edipiana materna pode afetar excessivamente essa relação. Karen Horney já propunha aqui a questão da transgeracionalidade e demonstra a importância do legado psíquico herdado.

Recém chegada nos Estados Unidos, ela logo percebe e escreve sobre como a própria maternidade e a forma como os filhos são educados estão relacionados a cultura. A questão da feminilidade estava muito clara para Karen Horney, o representante do feminino na cultura estava sujeito apenas a uma perspectiva e a maioria de seus textos se esforçam para provar o quão inadequado isso é. Em um momento que a psicanálise enfrentava rupturas institucionais e teóricas ela não conteve suas críticas também a linha de pesquisa de Helen Deutsch.

Em *masoquismo feminino* (1935) faz uma avaliação crítica a interpretação clássica do masoquismo feminino, negando que ele seja algo inerente a natureza feminina. Para ela pode haver mulheres que encontrem satisfações masoquistas no parto por exemplo, porém alega que Deutsch

ignora a discussão sobre a frequência com que isso ocorre e o porque ocorre. Alega ser provável que a adaptação feminina a estrutura masculina aconteça tão cedo e em grau tão elevado que a forma específica de ser da menina ou mulher seja sobrepujada e alguns comportamentos sejam vistos como naturais.

Um ano mais nova que Karen Horney, Helene Deutsch também foi pioneira nos questionamentos a respeito da teoria psicanalítica sobre o feminino durante as duas décadas em que isso foi longamente discutido. Diferente de sua contemporânea Helen foi menos radical em suas críticas, talvez por sua trajetória na psicanálise está diretamente ligada a figura de Freud. Mas isso não significa dizer que as discussões e críticas ao seu colega e professor foram menos relevante, pelo contrário.

Helene nasceu na Polônia e fez parte de sua formação em medicina psiquiátrica na Alemanha, morou parte da vida em Viena onde foi analisada por Freud. Durante sua estadia em Berlin ela começa a escrever seu primeiro trabalho sobre a psicologia da mulher que apresentou no Congresso Internacional de Psicanálise em Salzburgo em 1924. Depois de alguns artigos escritos sobre sexualidade feminina organiza suas pesquisas para montar sua obra mais reverenciada: *Psicologia da mulher* (1943). O livro seria uma das maiores referências psicanalíticas maior de Simone de Beauvoir em *O segundo sexo* (Roudinesco & Plon 1997, pág 150).

Mas diferente da trajetória de Karen Horney, Helene Deutsch não se afasta da escola vienense nem do modelo do sexo único, motivo pelo qual foi criticada por membros da escola inglesa opositora ao monismo sexual. Uma das críticas maiores a escola vienense era a centralização edipiana da sexualidade na figura paterna desconsiderando as relações primárias da menina com a mãe. Ponto este que Freud mais pra frente teria a honestidade de reconhecer, prova disso foram seus artigos sobre feminilidade que iremos abordar mais adiante.

Assim como suas contemporâneas Deutsch tem seu período mais produtivo entre a década de 30 e 40. Finalmente traz, entre suas principais contribuições, a crítica de que a obra freudiana leva em conta os aspectos biológicos e anatômicos enquanto deixa de lado fatores educativos e culturais. A partir de sua experiência clínica percebe que a inveja do pênis e o complexo de Édipo feminino elaborado por Freud não dão conta de resolver questões que apareciam em seu consultório. No primeiro volume de *psicologia da mulher* de 1943 ela afirma ser imprescindível a

psicanálise se interessar pelo momento cultural e social em que as mulheres vivem para entender seu comportamento psíquico.

Passa a levar em consideração as novas configurações sociais do pós guerra e os conflitos sobre maternidade e sexualidade, complexo de masculinidade e relação mãe/bebê que a faz contestar as teses sobre a passividade feminina. Em *Psicologia da mulher* (1943) ela trata extensivamente da questão da maternidade e desta, inclusive, como fator social inserido em uma determinada cultura e por isso concebida a partir de instituições sociais e ideológicas. Helen é uma das primeiras psicanalistas a mergulhar profundamente no tema da maternidade, sexualidade e homossexualidade. Temas que muitas vezes ficavam em segundo plano ou, na época, eram tratados como tabu.

Mas quem de fato protagonizou, dentro dos círculos psicanalíticos europeus, as críticas fundamentadas na teoria psicanalítica sobre a sexualidade feminina foi Melanie Klein. Ela se manteve na Europa, tanto Horney como Deustch se mudaram para os Estados Unidos, e foi um dos principais nomes da escola inglesa de psicanálise, responsável por transformar a teoria freudiana clássica. Klein insistiu que a teoria do monismo sexual de Freud não explicava a realidade sexual feminina, tão pouco a gênese da feminilidade e, ao contrário, dele que centralizava o desenvolvimento psíquico a figura paterna, Klein traz a mãe para o centro e como objeto fundamental no processo de construção psíquica, assim como diz ser a capacidade criativa do corpo feminino também motivo de inveja.

Houve por parte de Freud uma resistência as teses kleinianas, mais especificamente sobre o campo das relações arcaicas com a mãe e a respeito da supremacia que ele atribuía ao pai na relação familiar edípica e que ela contestava. Divergências à parte, devemos reconhecer que Freud teve a honestidade de reparar parte de sua teoria e de assumir que de fato ele não tinha conhecimento sobre tudo:

“ Testemunho disso, se necessário, são seus dois artigos de 1931 e 1932, um sobre a sexualidade feminina e outro sobre feminilidade. No primeiro, ele manteve sua concepção da relação entre o clitóris e a vagina mas reconheceu implicitamente que as analistas podiam compreender melhor do que ele a questão da sexualidade feminina, na medida em que ocupavam na análise o lugar de um substituto materno; no segundo, admitiu que era impossível compreender a mulher se não levarmos em consideração a fase do apego pré-edípico à mãe. De fato, tudo o que há na relação

com o pai provém, por transferência, desse apego primário.” (Roudinesco & Plon 1997. pág. 707)

Diante do debate, Freud reconheceu ser este um terreno onde ele pouco pode contribuir, que a feminilidade continua sendo um enigma e que na relação mãe e filha ainda existem aspectos a serem considerados pela psicanálise. Apesar das críticas, como veremos mais adiante, não podemos desmerecer o esforço de Freud para tentar entender o que ele chamou de continente obscuro. É importante saber que ao voltar a Freud voltemos com esse olhar crítico e contextualizado de sua obra.

Foram essas portas que se abriram para que a psicanálise seguisse explorando e contribuindo com pesquisas sobre o feminino. As autoras que levantaram esses debates nos anos 1920 a 1940, sem sombra de dúvidas, foram peças importantes na organização do feminismo pós guerra e a psicanálise incorpora de fato as questões feministas, do que é considerada sua segunda fase, a partir do anos 70. Destacamos nesse período as contribuições de Julia Kristeva, Adriene Rich e Nancy Chodorow, principalmente as abordagens sobre maternidade sob a perspectiva do desejo da mulher, e debate entra mais uma vez na necessidade de romper as fronteiras entre natureza e cultura.

Rich busca desconstruir hipóteses – não adequadamente examinadas – encontradas no conhecimento institucionalizado sobre a maternidade, tais como o conceito do “chamado sagrado”, o imperativo da reprodução, ao qual toda mulher, uma futura *mater dolorosa*, jamais poderá fugir. À imagem da mãe castradora, sofredora, culpada, aterrorizante, nutridora, frígida e continente escuro, ameaçador, construída na cultura patriarcal, ela contrapõe uma transformação dinâmica concebida a partir da própria mulher (STEVENS, 2005. Pág 68)

A adesão cada vez maior das mulheres nos círculos acadêmicos, o interesse pela pesquisa sobre o feminino e a emergência dessas investigações junto com movimentos feministas de ruptura com o status quo da mulher na sociedade ocidental trouxeram e continuam trazendo algumas

importantes conquistas políticas, sociais e de entendimento das identidades<sup>2</sup>. Esse movimento possibilitou mudanças nos desejos e na viabilidade de escolhas, não necessariamente traçadas a partir do que se considerava natural. Esses deslocamentos trouxeram maior flexibilização e reconhecimento das múltiplas formas de organização familiar por exemplo.

A questão da parentalidade tem sido abordada por diferentes vertentes, um lado aponta o estreitamento da divisão naturalizada entre maternidade e paternidade. Para Elisabeth Badinter (1986) e Márcia Arán (2001), cada vez mais os homens tem começado a aprender diretamente a cuidar do filhos, coisa que as mulheres fizeram ao longo de muitos anos. Isso significa pensar a função materna para além do biológico e que nem toda mulher carrega consigo os requisitos maternos. A própria relação conjugal não se caracteriza mais pelas normas da família moderna, mas sim por uma eterna construção e desconstrução dos laços, da mesma forma que as identidades são flexibilizadas.

Arán faz uma interessante abordagem entre a filosofia e a psicanálise para levantar questões sobre a superação da dualidade sexual, os desafios para pensar a alteridade e levantar milhares de interrogações sobre as identidade de gênero. Ela compreende que as antigas representações de masculino e feminino ainda permanecem nas subjetividades atuais, porém essa histórica e continua desconstrução do feminino abriu um espaço para as imprevisibilidades. A possibilidades de escolhas e a abertura estrutural do universo do feminino” abre interrogações que nos fazem inclusive questionar o uso do termo.

A operação fundamental do tornar-se seria um contrato com uma multiplicidade de dimensões, em que não se perde e não se ganha nada, mas se transforma, se torna outra natureza. O eu é somente uma fuga, uma porta, um tornar-se entre multiplicidades. Dessa maneira, um corpo não se define pela sua substancia, nem pelos seus órgãos, nem mesmo pelas sua funções, mas pelo se movimento, pelo conjunto de afetos intensivos (ARAN, 2003. pág 413)

---

<sup>2</sup> Me apropriro do termo utilizado por Stuart Hall em *A identidade cultural na pós modernidade*. No sentido que a identidade do sujeito é composta por várias identidades que, em alguns casos, podem ser até contraditórias.

É fascinante perceber como na história da teoria psicanalítica o estudo do feminino parte de algo concreto, um conceito ideológico fechado para algo extremamente abstrato e aberto. Desde a teorização pelo viés falocêntrico que colocava a mulher nos limites do privado e do emocional, atrelada ao destino de maternidade. Os olhares masculinos sobre a tal da feminilidade fizeram parte dos considerados mais relevantes discursos em psicanálise. Neste sentido é importante saber o que as psicanalistas mulheres pensaram e pensam sobre ser, sentir ou torna-se mulher. Questões em torno do *status* da maternidade tem trazido debates importantes sobre o assunto a medida que se desloca do destino do feminino seu sentido também se diversifica.

À imagem da mãe castradora, sofredora, culpada, nutridora, frígida e misteriosa, construída na cultura patriarcal, se contrapõe a uma transformação dinâmica concebida a partir da própria mulher. Transformação que ainda busca redefinir os termos mãe/maternal/maternidade, com críticas, defesas e negociações, buscando integrar e ao mesmo tempo problematizar o que está incorporado. Percebemos uma mudança gradual da função materna, a qual se situa numa espécie de encruzilhada já que, ao mesmo tempo, é um lugar de opressão e realização.

Nesses quase cem anos de demandas, inquietações, as discussões em torno da feminilidade, maternidade, sexualidade, da relação mãe e filha em psicanálise tem aberto as portas para o mundo das representações psíquicas, dos significados, das fantasias, temores e afetos que cercam a experiência de ser mulher, do desejo da gravidez, das relações e sobre como a filha performa a própria maternidade, por exemplo. Abandona-se de vez o chamado instinto maternal, questionam a imagem idealizada da boa mãe e atentam para o fato de que a maternidade, para muitas mulheres, é vivida como fatalidade. Estudos atuais levantam novos e complexos debates sobre tarefas libidinais, papéis sociais, confrontos e emergências de conflitos não resolvidos e ainda a importância transcender a estrutural dualidade sexual.

## **Referências**

- ARÁN, M. O avesso do avesso: feminilidade e novas formas de subjetivação. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- ARÁN, M. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. Revista estudos feministas. Florianópolis, 11(2): 360. 2003.
- BADINTER, E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. São Paulo. Nova Fronteira. 1981.
- CROMBERG, R, U. Primeiras psicanalistas. São Paulo Revista Percurso n 45. 2011.
- DEUTSCH, H. La psicología de la mujer. Parte I & II. Buenos Aires. Editorial Losada. 1951.
- HORNEY, k. A personalidade neurótica do nosso tempo. Lisboa. Editorial Vega. 1979.
- HORNEY, K. Psicologia Feminina. Rio de Janeiro. Ed Bertrand Brasil. 1967.
- KLEIN, M. (1928) “Estágios iniciais do conflito edípiano”. In Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Volume I das obras completas de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- KRISTEVA, J. O gênio feminino. A vida, a loucura e as palavras. Rio de Janeiro. Rocco. 2000.
- LE GUEN, A. *De mères en filles – Imagos de la feminité*. Paris: PUF. 2001
- ROUDINESCO & PLON. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro. ZAHAR. 1997.
- STEVENS, C. Resignificando a maternidade: psicanálise e literatura. Gênero. Niterói, v 5, n 2, p65-79. 2005

**Female psychoanalysts: provocations about the feminine that changed the perspective of psychoanalysis**

**Abstract:** In the late 1920s until the mid-1930s the issue of the female and the girl's oedipus complex was thoroughly discussed in congresses of institutes of psychoanalysis. Several works have come to bring another perspective on women, motherhood and the feminine, such as *The fear of women* (1926) by Karen Horney, *Early stages of the Oedipal conflict* (1928) by Melanie Klein, *Women's Psychology* (1932) by Helen Deutsch. This series of contributions led Freud to write articles on *female sexuality* (1930) and *femininity* (1932) recognizing some changes and admitting that the theme was still somewhat obscure for him. The purpose of this work is to address the question of the feminine from the psychoanalytic theory, especially from female authors, who for a long time lived the margins of the history of this science, although they contributed to form another perspective of the woman that was not from the vision Patriarchal / phallogentric as Freud proposed. Finally, the intention is to discuss what psychoanalysis brings today, based on the questioning of the psychoanalyst and feminist Julia Kristeva and Márcia Arán.

**Keywords:** psychoanalysis, women, femininity